
ELAS
EMPODERANDO AS
MULHERES

EDITORIAL

Desde cedo, as mulheres sofrem com os rótulos impostos pela sociedade. Começando pela cor: **rosa para meninas, azul para meninos.** E então o jeito: meninas têm que ser calmas e delicadas. E os gostos: têm que brincar de bonecas, de casinha, ajudar a mãe nas tarefas domésticas, aprender a cozinhar, querer casar e aspirar a maternidade.

Mais tarde surgem outros estereótipos. Mulher tem que ser "feminina": ter cabelo grande, cuidar da pele, das unhas, dos cabelos, fazer exercícios – se cuidar. Porque é feio mulher desleixada, acima do peso, que tem estria, celulite e não alisa os cabelos. Veste roupa curta, gosta de beber e dançar, beija mais de um cara na balada? Não é para casar, só para se divertir. **Mulher tem que se dar ao respeito.** Se não quer ter filhos, ela é "menos mulher" por isso. Mulher alta é esquisita (exceto as modelos), mulher baixa é mais feminina. Uma negra com um homem branco? Que estranho, não combina! Transexual é mulher? Até parece... Mulher bonita mesmo é a da revista, loira, magra, de cabelos lisos e olhos claros. Empreendedora? **Mulher tem que cuidar da casa, deixa que o homem faz sucesso...**

Esses e tantos outros pensamentos são compartilhados por milhares de pessoas ao redor do mundo. Apesar dos tempos serem outros e isso estar, finalmente, mudando, ainda é preciso muita luta para transformar essas rotulações, afinal somos pessoas, não produtos. A partir dessa ideia que surgiu a *Elas*, uma revista com o intuito de enaltecer o gênero feminino, incentivar a sororidade e mostrar que todas as mulheres são maravilhosas do jeito que são e que suas escolhas – independente de quais sejam – jamais mudarão essa realidade.

- Elas

Autora do projeto gráfico: Stephany Andrade; **Diagramadora:** Stephany Andrade; **Autora das matérias:** Stephany Andrade; **Gráfica:** AMF Soluções em Impressão; **Colaboradores:** Gabriela Matos, Maria Eduarda Fonsêca, Raianne Romão, Renata Santana, Camilla Barroso, Raryane Aguiar, Isabel Sandes, Renata Negreiros, Larissa Araújo, Lindalva Alves, Juliana Rozal, Gustavo Felipe.

SUMÁRIO

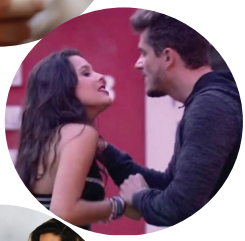
Beleza
Transição Capilar.....4





Carreiras
Batom na Polícia.....8

Orientação
Relacionamento Abusivo.....12





Moda
Elas não vestem 38.....16

Cultura
Negras na Tela.....21





Empreendedorismo
Elas no Comando!.....23

Beleza

Transição Capilar:
Dizendo SIM aos cachos

Por: Stephany Andrade

Processo em que a utilização de produtos químicos de alisamento nos cabelos é deixada de lado com o propósito de recuperar a textura natural, a transição capilar não é um método fácil, mas para quem está disposto a reassumir os cachos, pode valer à pena.

É uma técnica que leva tempo, exige paciência, cuidados e muita dedicação. Devido ao movimento de empoderamento feminino, atualmente inúmeras mulheres têm se sentido encorajadas a assumirem o cabelo natural. No entanto, a questão vai muito além de ter os fios crespos, cacheados, lisos ou ondulados. A promoção da autoaceitação, do amor próprio e do bem-estar é que devem ser apreciados.

A transição capilar começa no momento em que a pessoa decide de uma vez por todas que não quer mais utilizar química no cabelo. Então ela para e passa meses sem esse tipo de tratamento nos fios, esperando que eles cresçam e assumam sua textura natural. Muitas optam por fazer um Big Chop (BC), que nada mais é do que cortar a parte do cabelo que ainda está com química, enquanto outras preferem esperar que cresçam o suficiente para poder realizar o corte, tendo, então, que lidar com as duas texturas dos fios (quando a raiz está natural, cacheada ou crespa, e as pontas lisas devido ao alisamento). Quem prefere a segunda opção precisa descobrir a melhor forma de cuidar dos cabelos durante a mudança.

Muitas mulheres resolvem alisar os cabelos desde muito jovens, outras, contudo, não têm escolha. Foi o caso de Gabriela Matos, 23 anos, que desde os sete anos de idade, tinha os fios quimicamente tratados “foi uma decisão da minha mãe, porque meu cabelo era muito volumoso, muito cheio, e era a única coisa que dava jeito”. A jovem conta que se pudesse voltar no tempo, teria feito diferente e jamais

permitido que alisassem seu cabelo.

Para Gabriela, o maior incentivo para iniciar a transição foi o simples fato de que não tinha paciência para realizar os procedimentos e ir ao salão de beleza toda semana, mas algo ainda mais convincente aconteceu: a cabeleireira estragou seu cabelo. “Um dia eu precisava ajeitar o cabelo porque ia para uma festa, já estava há uns quatro meses sem alisante, a raiz já estava aparecendo e eu troquei de cabeleireira de última hora.

Gabriela - AGORA



Foto: Arquivo Pessoal

Então ela deu o alisante e partiu o meu cabelo na frente. Ficou horrível”, declara ela e conta que após o episódio teve certeza de que jamais voltaria a utilizar os produtos químicos.

Após um ano fazendo coques e prendendo as partes “partidas” do cabelo, decidiu fazer um Big Chop. Gabriela diz que na época em que

> “É a questão de você passar por uma fase de autoconhecimento”

passou pela mudança, ainda não existia a discussão sobre o empoderamento feminino, mas observa o quanto a representatividade importa hoje em dia “eu acho que isso é surreal, porque eu tenho uma sobrinha e uma irmãzinha que têm a mesma textura que o meu cabelo e elas de jeito nenhum pensam em alisar, enquanto na minha época alisar o cabelo era a única solução”.

Por outro lado, Maria Eduarda Fonsêca, 21 anos, relata que desde os 11 anos faz relaxamento nos cabelos a fim de “abrir” os cachos, porque sempre quis ter os fios menos cacheados, mas foi aos 14 anos que finalmente decidiu fazer uma escova progressiva “ele ficou enorme, porque os cachos batiam no ombro, e ele ficou na cintura, eu gostei bastante e continuei dando”. A estudante conta que, enquanto tinha o cabelo cacheado, não achava que combinava com aquela textura capilar “eu sempre achei durante muito tempo que cabelo bonito era o liso, que em mim ia ficar horrível cabelo cacheado, que as pessoas iam falar que ficava feio”.

No entanto, por causa dos tratamentos químicos que recebia, os fios começaram a perder o volume, então ela decidiu parar com a progressiva e iniciar com produtos mais leves, como o botox. Porém, devido à menor agressividade, o efeito era curto e a química precisava ser reaplicada

a cada mês – o que estragava ainda mais os fios “as pontas estavam feias, meu cabelo estava elástico, às vezes eu queria fazer uma coisa legal nele e não dava, porque não ia aguentar a química, então eu deixei de fazer o botox e comecei a ficar passando só chapinha – foi aí que eu comecei a transição”.

> “Eu nunca me senti tão bonita na minha vida, estou me achando linda”

Ela descreve que começou deixando o cabelo crescer durante seis meses, mas após um momento de estresse, resolveu cortá-lo sozinha e acredita ter sido a melhor escolha. Porém, por ainda gostar muito de ter cabelos grandes, com o propósito de recuperar o tamanho e movimento deles, Maria Eduarda conta que chegou a colocar Box Braids (tranças), mas apesar de não ter obtido muito sucesso quanto a isso, acredita que o procedimento colaborou com sua autoestima. A jovem acrescenta que a questão de recuperar a naturalidade dos cabelos é, principalmente, aprender a lidar consigo mesma “quando você está segura e empoderada para isso, então você pode fazer uma química depois se você quiser, você já sabe que é segura de qualquer forma, é a questão de você passar por uma fase de autoconhecimento”.

Enquanto isso, a estudante Raianne Romão, 18 anos, conta que a escolha de alisar os fios partiu dela mesma, quando tinha apenas 10 anos de idade, após perceber que sua mãe apresentava dificuldades na hora de pentear e cuidar, tendo os fios constantemente presos enquanto ainda estavam molhados, o que acabou causando mofo “eu via que aquilo era ruim para ela e

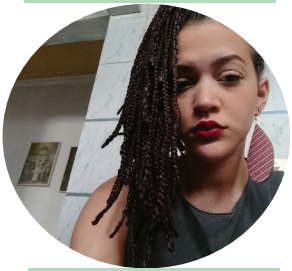
Maria - ANTES



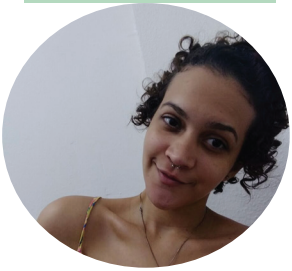
DURANTE



COM AS BOX BRAIDS



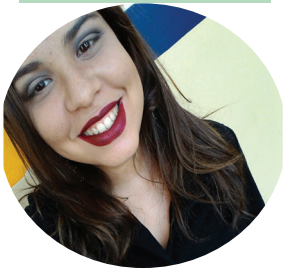
AGORA



Fotos: Arquivo Pessoal

para mim". Ela acrescenta que se inspirava em sua prima, um ano mais velha e que tinha cabelos alisados, e notou que era mais fácil cuidar dos fios quando eles eram lisos. Mesmo contra a vontade da mãe, que pediu que permanecesse com os cachos,

Raianne - ANTES



AGORA



Fotos: Arquivo Pessoal

foram ao salão de beleza tratar quimicamente o cabelo.

Mas foi apenas no ensino médio que compreendeu que queria voltar aos fios naturais, porque já não se identificava mais com aquela pessoa de cabelos lisos que via no espelho "eu estudava em um colégio que incentivava a gente a ser o que a gente é, e eu via que aquele não era o meu cabelo, eu não me sentia bonita e pensava – essa daí não sou eu, ela está aqui embaixo e eu não estou deixando sair, aí eu parei de alisar". A estudante descreve que a transição capilar foi muito difícil, pois tinha problemas em domar os fios com duas texturas "meu cabelo ficou muito cheio em cima e liso embaixo, eu tentava cachear, colocava bobs, gel, ficava horrível e duro, tentei ficar dando chapinha, mas não conseguia, aí eu coloquei megahair". Os planos eram ficar com o megahair até o final do ano para realizar o Big Chop, porém em uma das sessões para colocá-lo, precisou ir para casa sem ele e percebeu, finalmente, que não precisava mais, porque os fios estavam do jeito que queria "eu não quis mais colocar o mega, fui ao salão, cortei e amei – estou amando meu cabelo, eu nunca me senti tão bonita na minha vida, estou me achando linda".

Raianne, assim como Maria Eduarda e Gabriela, acredita que o empoderamento feminino tem colaborado com as decisões das mulheres que decidem fazer a transição capilar. Para a estudante, o quesito de ter os cabelos naturais ou quimicamente tratados é, antes de qualquer coisa, se sentir bem. Em relação à sua nova fase, ela é enfática "eu nunca me senti tão bem em toda a minha vida, em relação à estética, pensamento, a eu estar natural. Eu sei agora que eu sou legítima".

Carreiras

Batom na Polícia

Maquiagem, esmalte e armas: ocupando um cargo predominantemente masculino

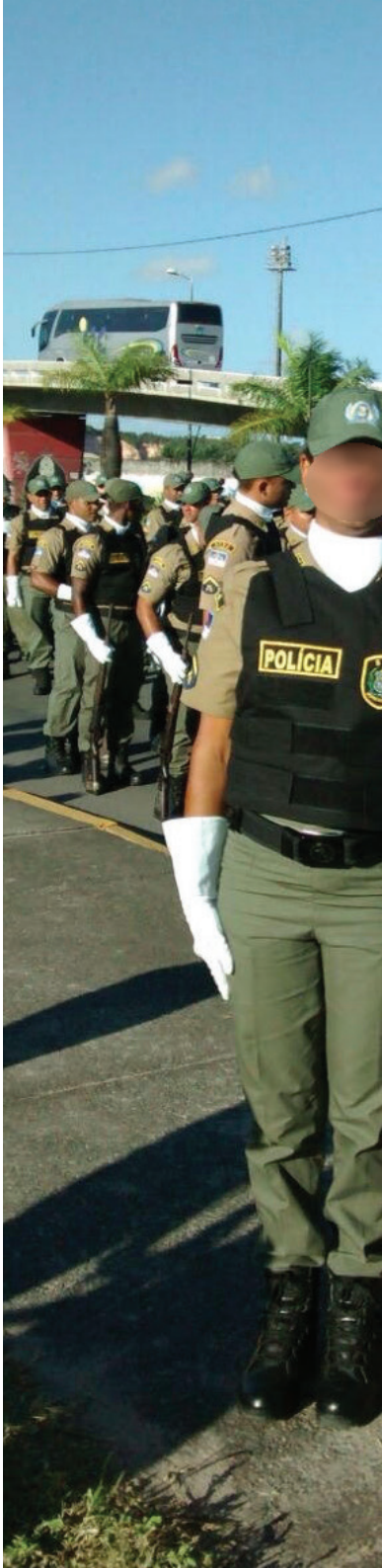
Por: Stephany Andrade

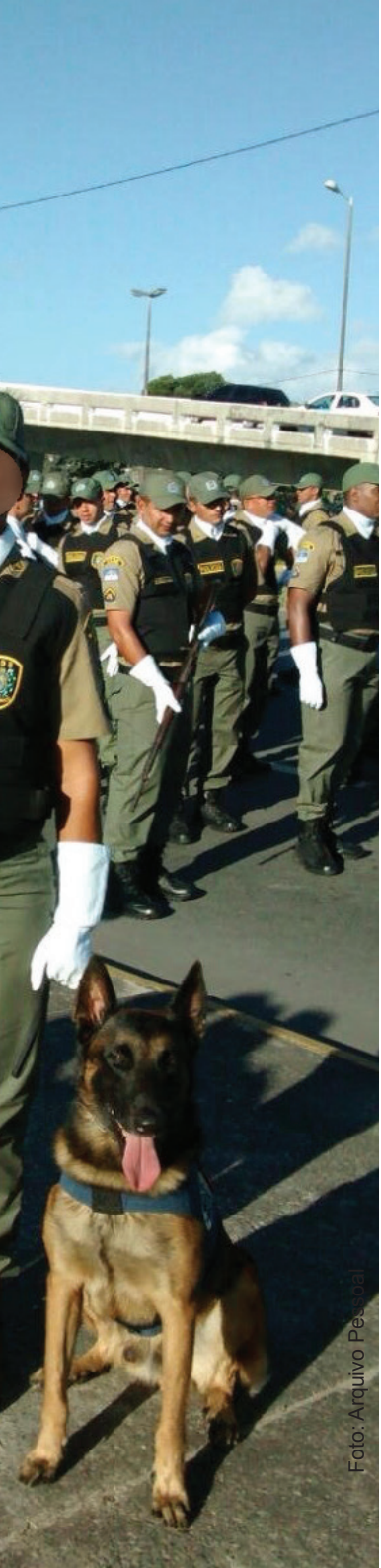
Sejam elas solteiras, casadas, com filhos ou sem, é cada vez mais comum hoje em dia nos depararmos com mulheres exercendo profissões que antes eram consideradas apenas masculinas.

Ser Policial Militar é difícil para ambos os sexos, mas especialmente para o gênero feminino é ainda mais árduo, devido aos inúmeros questionamentos que surgem movidos pelo preconceito das pessoas em ter uma mulher atuando em um cargo predominantemente masculino e, por sua vez, muito perigoso – elas acham que policiais femininas não darão conta.

Renata Santana, da Polícia Militar de Pernambuco (PMPE), no entanto, mostra que estão equivocados. Com 31 anos de idade e pouco mais de dois anos na PM, ela conta um pouco da sua história na profissão.

P: Quando você decidiu que queria seguir essa profissão?
R: Quando eu era pequena, eu tinha o sonho de ser policial, mas depois eu




Foto: Arquivo Pessoal

fui crescendo, vendo a violência, vendo os problemas que existiam dentro da Polícia, eu perdi essa vontade. Mas no ano de 2009, eu vinha estudando para passar em algum concurso da vida, né? Acabei me deparando com um rapaz que estava entrando na Polícia, que foi meu namorado, e ele me incentivou, me abriu os olhos. É uma profissão que eu sei que é arriscada, mas é uma estabilidade. E então eu decidi fazer (a prova). Aí comecei a estudar e foquei, passei dois meses estudando para esse concurso. Infelizmente não consegui entrar nas vagas no início, mas em 2015 eu consegui e hoje estou aqui.

P: Como a sua família reagiu quando você disse que queria ser policial?

R: Quando eu passei, que ia ser chamada para o concurso, foi um choque, tipo "ai meu Deus, minha filha vai ser policial, é muito perigoso", mas todos ficaram muito felizes e ao mesmo

> "Foi um orgulho muito grande para a família eu ter conseguido essa vitória"

tempo preocupados, por ser uma profissão muito difícil, muito arriscada. Na minha família só tem o meu cunhado que é da Polícia, então foi um orgulho muito grande para a família eu ter conseguido essa vitória, para a gente que veio de baixo, de família pobre, que não tem muita condição, foi uma honra. Hoje eu amo o que eu faço, agradeço muito a Deus por essa bênção.

P: Você sofreu preconceito para entrar na profissão?

R: Eu, particularmente, nunca sofri em relação a preconceito, nunca aconteceu

comigo. Já aconteceu com outras FEM de ter policiais que não queriam trabalhar com elas, por serem mulheres.

P: Acha que seus colegas de trabalho te tratam de forma diferente?

R: Eu sempre procurei fazer o meu serviço da melhor forma possível, de ajudar o meu companheiro. Sempre me trataram muito bem, nunca tive problema com preconceito, graças a Deus. Inclusive eles diziam que sempre queriam trabalhar comigo. Mas eu sei que tem alguns homens que não querem trabalhar com FEM porque é mulher, fica com o pé atrás, por ser mais "frágil", mais "mole", esse preconceito realmente existe.

P: Como você lida com o quesito da feminilidade: gosta de se arrumar para ir ao trabalho ou acredita que não é necessário?

R: Eu sou extremamente vaidosa. Para ir trabalhar eu arrumo o cabelo, me maquio, porque a roupa da gente, em si, é horrível né, a gente já parece um homem, e se você não se cuidar, não se ajeitar, não arrumar o cabelo, não se maquiar, você fica parecendo um machão. No trabalho ou fora, eu ando muito bem arrumada. No trabalho, às vezes, quando eu não estou muito bem, eu só faço passar batom. Eu gosto muito de me arrumar, acho que é uma das coisas essenciais para a gente.

> "Tem que mostrar ser o mais forte possível para que eles não possam nos intimidar"

P: **Já sofreu com assédio?**

R: Na profissão da gente, trabalhamos com muitos homens, o efetivo é de 80% a 90% masculino na Polícia hoje. Infelizmente, a gente sofre assédio sim, mas cabe a gente se por no nosso lugar. Eu já sofri alguns assédios, de praças mesmo, cabos, mas eu me pus no meu lugar. No início a gente sofre mais porque ninguém conhece a gente, a nossa índole, mas com o passar do tempo, quando eles veem que não tem brecha, oportunidade, então isso vai diminuindo.

P: Você acha que a personagem Jeiza, interpretada por Paolla Oliveira na novela A Força do Querer, traduz realmente o seu dia a dia?

R: Eu não assisto novela porque eu não gosto. Mas uma vez eu estava de serviço e o pessoal estava assistindo e eu acabei vendo também, uma cena em que ela abordava um cara no caminhão e é bem assim, dessa forma. Não é porque a gente é mulher que a gente não vai abordar ou

entrar de frente. Geralmente trabalhamos como comandantes de viatura, então você normalmente chega, fala, “bota moral”. Não podemos demonstrar fragilidade, tem que mostrar ser o mais forte possível para que eles não possam nos intimidar e, sim, a gente intimidar eles, principalmente porque com bandido não se brinca. Eu sou muito extrovertida, mas na minha profissão eu busco ser mais séria, mostrar o meu serviço com profissionalismo, muita atenção e cautela. Pela cena que eu assisti da novela, sim, é basicamente isso que a gente faz.



Foto: Arquivo Pessoal

Devido aos perigos da profissão, a policial pediu que seu rosto não aparecesse.

Precisamos falar sobre RELACIONAMENTO ABUSIVO

Por: Stephany Andrade

Quando escutamos falar sobre relacionamentos abusivos, nosso pensamento logo nos transporta para situações de violência física. No entanto, existem diferentes tipos de abusos, afinal a agressão vai muito além da corporal. Seja física, psicológica, moral, sexual, econômica ou patrimonial, a violência pode vitimar ambos os sexos, mas as mulheres são, por sua vez, as mais agredidas. Tais ocorrências podem se agravar, resultando em tragédias. De acordo com a ONU, a quinta maior taxa de feminicídios do mundo encontra-se no Brasil. E geralmente começa depois de um violento período de relacionamento abusivo, por isso é tão importante falar sobre esse assunto.

O tema sempre existente, mas antes pouco debatido, ganhou repercussão depois que um casal do reality show Big Brother Brasil 17 protagonizou lamentáveis cenas. Marcos e Emilly possuíam uma relação conturbada. Sempre discutindo e fazendo as pazes logo em seguida, o cirurgião após algum tempo de relacionamento começou a apresentar um comportamento agressivo com a parceira e preocupar os telespectadores que acompanhavam as cenas dos sofás de suas casas. O médico, que já havia se mostrado ameaçador durante discussões com outras mulheres na casa – gritando e apontando o dedo em seus rostos, deu início a episódios semelhantes com a namorada. O primeiro acontecimento que causou incômodo nas pessoas foi quando, por ciúmes, o homem beliscou o braço da jovem, o suficiente para deixar uma marca roxa. Em outra situação, Marcos encurralou Emilly embaixo da escada da casa durante uma discussão, colocou o dedo em



Foto: Divulgação Web

seu rosto e gritou com a jovem até que ela ficasse assustada o bastante para escutar o que ele tinha para falar. Outro fato que aconteceu foi mais uma discussão do casal no jardim da casa. Tentando ser ouvido novamente, o cirurgião simplesmente imobilizou a moça no chão, enquanto chorava e a culpava pelo fim do relacionamento, que se aproximava. Emilly, entretanto, entendia como natural toda essa situação e realmente culpou a si mesma como uma motivação para as atitudes desequilibradas do parceiro. Foram precisas milhares de denúncias por parte dos telespectadores para que a polícia visitasse o programa e Marcos fosse penalizado por suas ações.

A jovem apesar de receber muito apoio, também foi bastante julgada. Muitas pessoas a culpavam pela instabilidade do médico e questionavam o porquê, embora protagonizasse aquelas

> “Perdi minha essência: de mulher, de amiga, de filha”

cenas desagradáveis, ela continuava com o relacionamento. A verdade é que, quando se está em uma relação abusiva, a vítima é a última pessoa a perceber pelo que está passando, devido ao fato de que ela ama o abusador, então frequentemente considera todo o desconforto da situação como amor e zelo.

Com 22 anos de idade, a estudante Camilla Barroso conta que durante dois anos de sua vida esteve em um relacionamento nada saudável. “Durante os sete primeiros meses era normal, só depois que fui percebendo que ele era extremamente ciumento e machista, e ele foi mostrando esse lado dele aos poucos.” A jovem, que gosta de dançar e desde pequena

sempre fez aulas, diz que o ex-namorado reclamava e sentia ciúmes sempre que iam às festas e ela queria curtir, ainda que apenas com as amigas, “eu me via em situações em que ele chegava para mim para dizer que mulher que namora não dança, que aquilo era coisa de puta”, relata.

Mas as censuras não paravam por aí. O rapaz a proibia de usar certos tipos de roupas, cores de batom e até mesmo de esmalte, além de colocar a culpa sobre ela quando os homens a olhavam na rua. “Eu parei de me arrumar porque ele me criticava. Se tinha algum homem olhando para mim, ele reclamava comigo, porque ele dizia que se o cara estava olhando foi porque eu olhei primeiro, dei cabimento ou que usei roupas para chamar a atenção masculina. Então eu comecei a levar ele para comprar roupa comigo – uma exigência dele. Eu não sei o porquê até hoje, aquilo foi um período que eu fiquei meio que hipnotizada, mas eu comecei a ceder. Então eu parei de usar shorts, comecei a comprar vestidos longos e calças jeans – eu não gosto muito de calça jeans, por exemplo, mas foi uma época que eu tinha várias porque ele não queria que eu comprasse outras”, declara Camilla, que afirma ainda que em um momento chegou a pensar que o descontrole do ex-parceiro fosse levar a uma agressão. “O meu pai até hoje não sabe disso, acho que nenhum pai quer ver a filha numa situação dessas. Mas em uma festa, ele (o ex) estava bêbado e brigou comigo porque tinha homem olhando para mim, segurando meu braço e me deixando roxa. Foi o momento que pensei que ele ia bater em mim. Tinham amigos com a gente que não deixaram isso acontecer, mas ele ficou bastante agressivo”, expõe.

A essa altura, a estudante já havia percebido que as atribulações pelas quais passava não eram uma coisa normal. No entanto, sempre que tentava dar fim à relação, o rapaz aparecia pedindo desculpas chorando, com flores e a fazendo acreditar que nada daquilo se repetiria “a gente fica em um estado de êxtase com um relacionamento. Você gosta tanto da pessoa que fica achando que foi só aquele momento, que vai passar. E acaba ficando naquilo, e eu fiquei por dois anos.” Porém, as maneiras como era tratada, mexeram com o psicológico da jovem, que começou a duvidar de si mesma, devido às coisas que escutava do ex-namorado. Ela perdeu peso, chorava frequentemente, ficava estressada e descontava em outras pessoas. Constantemente alertada por sua família e amigos

– que a questionavam sobre os motivos de permanecer em um tipo de relação que ela não aceitava nem em filmes – começou a analisar as circunstâncias e percebeu que ela não era mais a Camilla de antes. “Eu decidi acabar porque eu não aguentava mais aquilo, eu não era mais eu, perdi minha essência: de mulher, de amiga, de filha” afirma a estudante, que mesmo depois de terminar o relacionamento, sofreu com o desequilíbrio do ex. “Ele não quis aceitar. Ficava me esperando, me seguia até o estágio, ficava na porta do meu trabalho, do meu prédio, me esperando chegar. Meu vizinho é amigo de infância dele, então ele ficava na casa dele fazendo campana para me esperar. Foi bem tenso. Eu ficava com medo, minha mãe ficava com medo. Além de não aceitar e me perseguir, ele começou a dizer que eu não queria mais ele porque estava com outros homens”, relata a estudante. Ela finaliza afirmando que, embora tenham acontecido coisas boas durante o namoro, o que restou foi a repulsa “se eu encontrar com ele na rua eu sinto ânsia de vômito – e eu não estou aumentando.”

> “Ele hackeava minhas redes sociais e tentava ao máximo invadir a privacidade dessas pessoas também”

Por outro lado, a estudante Raryane Aguiar conta que o que sobrou da sua relação com o ex-namorado foi o medo. A jovem de 23 anos diz que o rapaz chegou a trancá-la em seu apartamento, ameaçando a ela e pessoas próximas a fim de impedir o término “Eu decidi acabar porque em algum momento ele poderia matar a mim ou alguém da minha família”.

A estudante relata que chegou a ser prejudicada duas vezes no trabalho por causa das atitudes do ex-parceiro “ele ameaçou um colega de trabalho por telefone, internet e ameaçou a família dessa pessoa. Ele hackeava minhas redes sociais e tentava ao máximo invadir a privacidade dessas pessoas também.”

Para a psicóloga Isabel Sandes, familiares e amigos da vítima são muito importantes no processo de desligamento dos vínculos com o abusador, pois terão suas opiniões levadas em consideração e podem, por sua vez, colaborar buscando ajuda, a princípio psicológica para a pessoa, além de aconselhar, dar apoio e esclarecer os fatos.

Moda

ELAS NÃO VESTEM 38

E daí?

O importante é se amar e ser feliz!



Foto: Stephany Andrade



Foto: Stephany Andrade



Foto: Stephany Andrade



Foto: Stephany Andrade



Foto: Stephany Andrade

Negras na Tela:

Contornando a invisibilidade racial com representatividade

Por: Stephany Andrade

É de conhecimento geral que a mulher negra sofre um preconceito dobrado, relacionado à sua etnia e gênero. Por isso, a batalha pelo reconhecimento é ainda maior, porque não se limita apenas a se destacar como mulher, há ainda o esforço para se sobressair dentre as pessoas de pele clara.

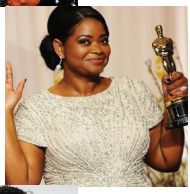
Devido a todas as dificuldades enfrentadas pelas mulheres negras, a representatividade passa a existir para colocar essas pessoas em evidência, dando vez e voz, contornando – mesmo que minimamente – a invisibilidade racial, um fenômeno em que esse grupo é esquecido pela mídia e pela indústria cinematográfica.

Felizmente, com o decorrer dos anos, a situação dessas mulheres tem conseguido evoluir. No cinema, nomes como Whoopi Goldberg, Octavia Spencer, Lupita Nyong'o e Viola Davis são prova disso. Elas fizeram a diferença nos filmes em que atuaram. Todas, inclusive, receberam um Oscar por suas interpretações.

E por falar em Oscar – o prêmio mais importante do cinema mundial – pela primeira vez nos 89 anos da história da Academia de Artes, em 2017 três mulheres negras foram indicadas



Whoopi Goldberg (1991)



Octavia Spencer (2012)



Lupita Nyong'o (2014)



Viola Davis (2017)

Fotos: Divulgação Web

à mesma categoria, entre elas, duas já citadas anteriormente: Octavia Spencer e Viola Davis, além de Naomie Harris. Juntas, elas foram anunciadas como concorrentes ao prêmio de Melhor Atriz Coadjuvante, que foi entregue à Viola.

No Brasil, o cenário também evolui. Atrizes como Taís Araújo, Cris Viana, Sheron Menezes, Lucy Ramos e Aline Dias são destaques. Esta última, inclusive, foi a primeira mulher negra, em 21 anos da novela Malhação, a assumir o papel principal. Na mídia, a jornalista Maju Coutinho tem ganhado o carinho do público e lugar na emissora.

Obviamente, ainda há bastante luta pela frente e muito a ser mudado, embora existam todas essas vitórias para as mulheres negras, os papéis que assumem nas telas são, muitas vezes, de pessoas às margens da sociedade, ligadas à pobreza e atitudes criminosas. Entretanto, o espaço que vêm recebendo é extremamente necessário e importante, podendo ser considerado como um pontapé para vencer o preconceito.

Taís Araújo

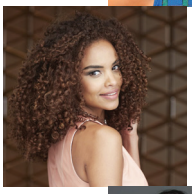




Cris Viana

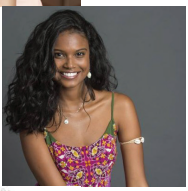
Sheron Menezes





Lucy Ramos

Aline Dias





Maju Coutinho

Fotos: Divulgação Web

VOCÊ SABIA?

A primeira mulher negra a ganhar um Oscar foi Hattie McDaniel. Filha de escravos, foi uma das primeiras afro-americanas a cantar no rádio e atuou em, pelo menos, 300 filmes, sempre interpretando empregadas domésticas. Ganhou reconhecimento como Mammy, empregada de Scarlett O'Hara no filme *...E o Vento Levou* e recebeu um Oscar por sua atuação. No seu discurso, disse: **"Eu espero, sinceramente, sempre honrar a minha raça e o cinema."**



Elas no Comando!

Mulheres, mães, esposas e empreendedoras: sim, é possível

Por: Stephany Andrade

Nos últimos anos a participação feminina têm se destacado em todo o mundo dentre os novos empreendedores no mercado. É o que mostram os dados coletados pelo SEBRAE durante a pesquisa Global Entrepreneurship Monitor (GEM), realizada em 2015. A proporção de homens e mulheres que estão começando um negócio é praticamente a mesma, 51% para eles e 49% para elas. No entanto, apesar dessa equidade na porcentagem durante a fase inicial, o número de empreendedores já estabelecidos ainda é maior para o gênero masculino, 56% - 12% superior à porcentagem feminina.

Embora comandar um empreendimento não seja uma tarefa fácil para ninguém, é um trabalho ainda mais complicado para algumas mulheres, mas não significa que seja impossível. Muitas delas são, antes de tudo, mães, esposas, têm um lar para organizar e por isso, acreditam que não darão conta de serem donas do próprio negócio. Além de recursos financeiros e tempo, também é necessária muita dedicação para que a empresa dê certo.

> "Às vezes dá vontade de desistir, mas a gente continua perseverando"

Lindalva Alves é um exemplo de que essa vida é possível. Aos 43 anos, casada e com três filhos, a pedagoga é dona do Jardim Escola Paraíso, uma creche-escola na periferia do Rio de Janeiro. O espaço pertencia à sua irmã, que resolveu passar adiante. Lindalva conta que sempre sonhou em ter um negócio e já trabalhava como



Foto: Gustavo Felipe

professora no mesmo lugar, quando surgiu a oportunidade, a abraçou com vigor.

A pedagoga afirma que a princípio foi complicado, mas a superação dos obstáculos é sempre satisfatória "o começo de todo negócio é difícil, falta apoio financeiro, experiência, às vezes dá vontade de desistir, mas a gente continua perseverando e com muito trabalho e esforço, toda a dificuldade é superada". Para ela, a melhor parte de comandar um negócio é ter convicção de que sabe lidar com todos os tipos de pessoas "na educação infantil o mais difícil, na verdade, é lidar com os adultos" e dá uma dica para as mulheres que pretendem começar o próprio negócio: "perseverança sempre e não desistir nunca, vai ter hora que vai dar vontade de largar tudo, mas passar por tanta luta faz amadurecer e ser mais forte para enfrentar qualquer dificuldade e vencer novos obstáculos".

Enquanto isso, no Recife, Juliana Rozal, mostra que consegue não só ser mãe, esposa e empreendedora, mas ao mesmo tempo ser enfermeira. Aos 31 anos e com dois filhos, ela conta que tem seu marido como modelo de empreendedor e foi dele que recebeu os maiores incentivos para ser dona do próprio negócio "ele viu a oportunidade aqui no bairro, de colocar uma loja de roupas apenas para o

> "Quando a cliente sai satisfeita, isso é o que mais nos motiva"


Foto: Larissa

final do ano, mas deu certo e continuamos". E assim nasceu a Griffy Modas, uma loja de roupas femininas, localizada na Zona Sul da cidade.

Por também trabalhar em um hospital, ela afirma que sua maior dificuldade, além de recursos financeiros, foi o tempo. Muitas pessoas acreditavam que não fosse dar conta de comandar um negócio pela falta de tempo, porém ela contornou os comentários pessimistas e mostrou que sua determinação é real e fez o empreendimento dar certo. Para Juliana, o que mais agrada em estar na direção da loja é a felicidade do cliente "quando a cliente sai satisfeita, feliz, dizendo que gostou das roupas, da loja, do atendimento, isso é o que mais nos motiva". Ela também finaliza com uma dica para as futuras empreendedoras: "o dia é hoje, agora, se tiver vontade, siga em frente, foi assim que eu fiz".

O caminho das mulheres para liderar o próprio negócio é difícil e cheio de obstáculos, afinal o sexismo ainda é bastante presente no cenário empreendedor, mesmo que aos poucos essa realidade esteja mudando. No entanto, embora seja um sonho liderar um empreendimento, é imprescindível reconhecer oportunidades e um mínimo planejamento para embarcar nessa jornada com a garantia de que terá sucesso.

SOMOS PESSOAS



